



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**

EMILY FERREIRA GUIMARÃES

**COMPARAÇÕES LEXICAIS E MORFOSSINTÁTICAS DAS LÍNGUAS AINU E
JAPONESA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**BRASÍLIA
2024**

EMILY FERREIRA GUIMARÃES

**Comparações Lexicais e Morfossintáticas das Línguas
Ainu e Japonesa: uma revisão bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília
(UnB), como parte das exigências para a
obtenção do título de licenciada em Letras -
Língua e Literatura Japonesa.
Orientada por: Prof. Dr. Marcus Vinicius de
Lira Ferreira Tanaka

BRASÍLIA

2024

EMILY FERREIRA GUIMARÃES

**Comparações Lexicais e Morfossintáticas das Línguas
Ainu e Japonesa: uma revisão bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília
(UnB), como parte das exigências para a
obtenção do título de licenciada em Letras -
Língua e Literatura Japonesa.

Orientada por: Prof. Dr. Marcus Vinicius de
Lira Ferreira Tanaka

Banca examinadora

Prof^o Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

Prof^a Dra. Alice Tamie Joko

Prof^o Dr. Fausto Pinheiro Pereira

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	2
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE OS AINU.....	3
2.1.1. Aspectos gerais.....	3
2.1.2. Disposição geográfica.....	5
2.1.3. Dialeto.....	6
2.1.4. Cultura oral.....	7
2.1.5. Língua criticamente em perigo.....	8
2.1.6. Revitalização linguística.....	9
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA.....	10
3.1. LÍNGUA E DIALETO.....	10
3.2. FAMÍLIA LINGUÍSTICA.....	11
3.3. SUBGRUPOS.....	13
3.4. PROTOLÍNGUA.....	14
3.5. LÍNGUAS ISOLADAS.....	16
3.6. MÉTODO COMPARATIVO.....	17
3.6.1. Pesquisa e separação de cognatos.....	18
3.6.2. Correspondência sonora.....	19
3.6.3. Reconstrução do protossom.....	20
4. DADOS E ANÁLISE.....	22
4.1. FILIAÇÃO LINGUÍSTICA DO AINU.....	22
4.1.1. Hipótese Indo-Europeia.....	22
4.1.2. Hipótese Austronésia.....	23
4.1.3. Hipótese Paleossiberiana.....	24
4.1.4. Hipótese Altaica.....	24
4.2. COMPARAÇÃO COM O JAPONÊS.....	25
4.2.1. Pontos divergentes.....	27
4.2.2. Pontos semelhantes.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe analisar comparativamente elementos lexicais e morfossintáticos das línguas Ainu e Japonesa. A pesquisa foi conduzida por meio de revisão bibliográfica, realizando um apanhado histórico nas principais pesquisas produzidas, sob o olhar do método histórico-comparativo; e tornar estes estudos acessíveis aos estudantes falantes de português. Ao longo do estudo, foram identificados diversos elementos que corroboram a condição atual de que o Ainu não pertence à família linguística japônica, permanecendo como língua isolada. Este estudo contribui para a compreensão das dinâmicas linguísticas entre o Ainu e o Japonês, além de reforçar a necessidade de pesquisas contínuas em ambas as línguas, especialmente considerando o Ainu como uma língua em processo avançado de extinção. Adicionalmente, destaca-se a importância de aprofundar o intercâmbio de informações dessas línguas com a América do Sul, promovendo um entendimento mais abrangente de suas relações linguísticas.

Palavras-chave: Ainu; Japonês; Método histórico-comparativo; Família linguística; Língua isolada.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to conduct a comparative analysis of lexical and morphosyntactic elements of the Ainu and Japanese languages. The research was carried out through a bibliographic review, offering a historical overview of the main studies produced, under the lens of the historical-comparative method, and making these studies accessible to Portuguese-speaking students. Throughout the study, various lexical and morphosyntactic elements were identified that support the current understanding that Ainu does not belong to the Japonic language family, remaining an isolated language. This study contributes to the understanding of the linguistic dynamics between Ainu and Japanese, while also emphasizing the need for ongoing research in both languages, especially considering Ainu as a language in an advanced stage of extinction. Additionally, it highlights the importance of deepening the exchange of information between these languages and South America, fostering a broader understanding of their linguistic relationships.

Keywords: Ainu; Japanese; Historical-comparative method; Linguistic family; Isolated language.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa centra-se nas diferenças e semelhanças lexicais e morfossintáticas entre o Ainu e o japonês. A língua Ainu, pertencente ao povo autóctone do norte do Japão, é classificada como uma língua isolada, distinta das línguas japônicas. Embora compartilhe algumas semelhanças lexicais com o japonês, principalmente devido ao longo período de contato entre os povos, as diferenças morfossintáticas são substanciais, justificando sua exclusão da família linguística japônica.

Este trabalho parte da constatação de que há uma escassez de materiais sobre o tema na língua portuguesa. A maior parte das pesquisas relevantes encontra-se disponível majoritariamente em japonês e inglês, o que dificulta o acesso de estudantes brasileiros interessados nas línguas Ainu e Japonesa. A proposta deste estudo é, portanto, suprir essa lacuna, apresentando as principais pesquisas realizadas até o momento de maneira acessível e democrática para os falantes de português. Além disso, será oferecida uma contextualização geral sobre o povo Ainu, permitindo uma compreensão mais profunda das bases culturais e históricas que sustentam a língua.

A pesquisa conta com as seguintes perguntas: É possível afirmar, sob a perspectiva da linguística comparativa, que as hipóteses que relacionam a língua Ainu à família linguística japônica são positivas? O que podemos encontrar sobre a relação entre essas duas línguas? Com base nestas perguntas, tem-se como objetivos centrais oferecer uma visão abrangente das principais pesquisas sobre as línguas Ainu e Japonesa, facilitando o acesso a estudantes falantes de português; e realizar um apanhado histórico das investigações já conduzidas sobre o tema. Ao longo do trabalho, será possível observar que, com base nas características das diferenças observadas e utilizando o método comparativo, não é possível associar a língua Ainu à família linguística japônica.

O estudo está dividido em seis partes. A primeira parte é a presente introdução. A segunda parte mostrará o principal referencial teórico utilizado ao longo da pesquisa. Na terceira parte, serão abordadas as principais terminologias utilizadas na linguística, contextualizadas no método histórico-comparativo. A quarta

parte é dividida em dois subitens: a primeira contextualiza sobre o povo Ainu e a segunda analisa as pesquisas e seus dados. A quinta parte, que são as considerações finais, sintetiza os achados das pesquisas, e propõe direções para estudos futuros. A sexta e última parte são as referências bibliográficas do presente estudo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A partir do século XVIII, diversas pesquisas começaram a ser feitas sobre a língua Ainu. Foram selecionadas algumas dessas pesquisas (Batchelor, 1905; Patrie, 1982, Shibatani, 1990), a fim de dar luz a diferentes pontos de vista, e diferentes conclusões alcançadas pelos autores, nas quais pesquisadores contemporâneos ainda se baseiam. As discussões e conclusões presentes nessas pesquisas serão discutidas nos capítulos 4.2 e 4.3 do presente trabalho.

John Batchelor (1855 – 1944) foi um missionário inglês, passando a maior parte da sua vida junto com a população Ainu, até o início da Segunda Grande Guerra (LISSNER, 1957, p. 209). Batchelor escreveu diversos trabalhos notáveis sobre a língua Ainu, incluindo um dicionário Ainu-Inglês-Japonês, com uma gramática da língua Ainu, no ano de 1905. Nesta obra, foram compilados 13 mil termos. Além disso, o autor dedica a parte final a uma análise comparativa entre as línguas Ainu e japonesa, destacando 15 pontos de divergência. Esses pontos serão objeto de discussão mais aprofundada nos capítulos subsequentes. A obra do Batchelor possui questões metodológicas a serem trabalhadas, segundo observação feita por Refsing (1986, p. 39), porém, o valor da obra se centra no pioneirismo de sua pesquisa.

No ano de 1982, James Patrie (1940 – 1987) publicou uma pesquisa sobre a relação genética da Língua Ainu. Sendo uma língua considerada isolada, Patrie (1982) busca em seu livro apresentar evidências de similaridades com algumas famílias linguísticas, como a família altaica, sugerindo que o Ainu tenha se originado no continente e posteriormente migrado para o arquipélago japonês. O autor sugere também uma nova construção linguística com relações entre as línguas coreana, japonesa e o ainu, chamando-a de “Proto-Coreano-Japonês-Ainu”.

Shibatani (1944 – atualmente) dedicou metade de sua obra sobre línguas do Japão para a língua Ainu. Em seu livro, além das caracterizações linguísticas coletadas sobre a língua Ainu, Shibatani (1990) nos diz sobre pesquisas anteriores publicadas, citando Batchelor (1905) como fonte de suas pesquisas, juntamente com outros pesquisadores, como Kindaichi. Kyousuke (金田一 京助, 1882 – 1971), por sua vez, foi um linguista japonês, conhecido por suas contribuições em pesquisas sobre o folclore e a língua Ainu. Suas pesquisas foram todas publicadas em japonês, sendo citadas por outros pesquisadores; como fonte no presente trabalho, foi utilizada as citações de terceiros.

Para ampliarmos nossa discussão acerca da língua Ainu, é indispensável uma revisão também em questões históricas, culturais e sociais sobre o povo, para enfim entendermos sobre sua língua e sua relação com o japonês. Após esse apanhado contextual, e tendo como base a teoria vista acerca do método comparativo, no item 3, veremos as pesquisas realizadas na língua Ainu pela literatura citada acima no item 4. Seguiremos dividindo os temas e discutindo as proposições dispostas de cada pesquisa.

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE OS AINU

2.1.1. Aspectos gerais

Os Ainu são um povo étnico autóctone, cujos ancestrais eram física e culturalmente distintos dos japoneses (SHIBATANI, 1990, p. 3), e vivem na ilha de Hokkaido, ao norte do Japão. A distribuição pré-histórica do povo Ainu não é facilmente determinada, mas segundo Shibatani (op. cit.) muitos nomes de lugares na parte norte da ilha Honshu indicam que eles podem ter vivido nessa região. Embora a história mais recente indique que os Ainu viviam nas Ilhas Curilhas e na ilha Sacalina, Hokkaido tem sido a principal área de habitação dos Ainu; após a Segunda Guerra Mundial, alguns dos Ainu que ainda viviam na ilha Sacalina foram realocados para Hokkaido (op. cit.).

No início da Era Meiji (1868 – 1912), a população Ainu já estava em declínio acentuado devido à devastação causada por doenças e à exploração econômica por parte dos russos e japoneses (PATRIE, 1982, p.1). Até esse período, os Ainu eram

chamados de *ezo*, um antigo nome japonês que se referia aos “bárbaros” que habitavam a parte ocidental do Japão, prossegue o autor. A hipótese que ele traz, é de que *ezo* seja o produto de uma série de mudanças sonoras, sendo o original *yumasa* – supostamente uma palavra antiga Ainu que significa “espada”, portanto, indicando o tipo de relacionamento que os Ainu tiveram com os japoneses ao longo dos séculos. Na língua Ainu, *aynu* significa “homem” ou “humano”, e o termo acabou sendo adotado pelos japoneses; *ezo* começou a ser usado para designar as regiões geográficas em que os Ainu viviam (PATRIE, 1982, p. 2).

Ainda sobre vocábulos, o léxico Ainu reflete o estilo de vida do passado, cujas atividades econômicas e sociais eram centradas principalmente na caça, pesca e coleta. Os antigos padrões de assentamento mostram que as comunidades Ainu estavam espalhadas ao longo das áreas costeiras e ao longo dos rios em direção ao interior (SHIBATANI, op. cit. p. 4). Portanto, o autor prossegue conjecturando, que, a pesca e a caça de animais marinhos eram as principais atividades econômicas dos Ainu no passado. A preocupação dos Ainu com o salmão e as baleias, por exemplo, pode ser perceptível a partir de um exame no léxico:

Os diferentes estágios do ciclo de vida do salmão são finamente delineados por várias palavras (cerca de vinte) referentes ao peixe. Há também cerca de cinquenta palavras referentes a focas e vinte e quatro palavras para diferentes tipos de baleias. Além disso, há tabus, palavras tabus e rituais referentes à pesca.

Entre os animais terrestres, os ursos, veados, lebres e texugos eram caçados como alimento. Desses, os ursos, em particular, são de importância central na cultura Ainu. Isso é claramente evidenciado pelo fato de que a palavra *kamuy*, que é um termo genérico para animais, também é usada para designar os ursos, e pela presença de 83 palavras distintas relacionadas a eles. *Kamuy* também significa ‘deus’.” (SHIBATANI, 1990, p. 4, tradução nossa)¹

1 *Excerto original*: “The different stages in the life cycle of the salmon are finely delineated by numerous words (roughly twenty) referring to the fish. There are also about fifty words referring to harbor seals, and twenty-four words for different types of whales. In addition, there are taboos, taboo words, and rituals referring to fishing.

Among land animals, bears, deer, hares, and badgers were hunted for food. Of these, bears in particular are of central importance in Ainu culture. This is quite clearly evidenced by the fact that the word *kamuy*, which is a generic term for animals, is also used to designate bears, and by the presence of eighty-three distinct words relating to bears. *Kamuy* also means ‘god’.”

De fato, acredita-se na cultura Ainu, que os ursos sejam deuses da montanha que trazem carne de urso para a aldeia. E, aparentemente, os cães também eram bastante significativos, com 44 palavras para eles (SHIBATANI, op. cit. p. 4).

2.1.2. Disposição geográfica

Há alguns séculos, os Ainu e seu idioma parecem ter tido uma ampla distribuição. Ao sul, pesquisas toponímicas na área de Tohoku (a parte norte da maior ilha do Japão, Honshu) revelaram etimologias Ainu para um grande número de nomes de lugares (REFSING, 1986, p. 52); já que seus vizinhos imediatos eram os japoneses. Ao norte, há referências esporádicas a residentes Ainu na ponta sul da península de Kamchatka em registros de exploradores russos, ainda segundo a autora. O arquipélago das ilhas Curilhe teve habitantes Ainu até o final da Segunda Guerra Mundial (REFSING, op. cit. p. 52), mas eles eram muito poucos. Eles compartilhavam a ilha Sacalina com os Gilyak, uma tribo paleossiberiana de origem também indeterminada. Os Ainu ocupavam a metade sul da ilha, e os Gilyak a metade norte. É possível ter uma noção melhor de todas essas regiões, geograficamente, através da [Figura 6](#).

O sul da ilha Sacalina tinha uma população Ainu relativamente grande, mas, após a guerra, quase todos foram repatriados para Hokkaido junto com os japoneses que viviam lá, como diz Refsing (1986, p. 52). Ainda segundo a pesquisadora, eles se estabeleceram principalmente ao longo da costa norte de Hokkaido; seu idioma foi registrado e descrito até certo ponto pelos russos, e, então, no final da década de 1940, todos os falantes restantes de Ainu estavam concentrados na ilha de Hokkaido.

Figura 1: Mapa da distribuição geográfica histórica dos Ainu.



Fonte: PEACAY, 2009.

2.1.3. Dialeto

Paralelamente às regiões originais de habitação dos Ainu, três grandes grupos de dialetos japoneses são reconhecidos, a saber: o grupo Curilhe, o grupo Sacalino e o grupo Hokkaido (SHIBATANI, 1990, p. 7). Entre o grupo Sacalino, o dialeto da costa leste de Taraika é considerado marcadamente diferente da fala das outras áreas. O dialeto Raychishka, também do grupo Sacalino, é um dialeto representativo da costa oeste e foi amplamente estudado (SHIBATANI, op. cit. p. 7). Já o grupo de Hokkaido é normalmente subdividido em grupos do sul e do leste. Shibatani (1990, p. 7) diz que as diferenças entre os dialetos são de natureza mais fonológica e lexical do que gramatical. Em 1995, Shiro Hattori e Mashiho Chiri se propuseram a investigar os vários dialetos Ainu de Hokkaido, abrangendo 19 regiões e incluindo dados dos expatriados da Sacalina (SHIBATANI, 1990, p. 7).

2.1.4. Cultura oral

Os Ainu possuem grandes tradições orais e literárias. Por se tratar de uma língua sem sistema de escrita própria, canções e histórias eram transmitidos de geração em geração. De acordo com Refsing (1986, p. 61), o núcleo da tradição literária Ainu são os *yukar*, conhecidos como épicos de heróis. Ainda segundo o autor, os *yukar* são recitados em uma voz melodiosa, enquanto o ritmo é marcado por batidas de madeira contra a borda da lareira. O autor segue com uma descrição:

Um *yukar* pode levar várias horas para ser recitado, e os *yukar* muito longos podem até se estender por algumas noites. Grande parte de um *yukar* consiste em frases e descrições, de modo que cada transmissor de *yukar* tenha uma espécie de estrutura na qual pendurar o épico. A escolha das frases de referência, a ordem em que devem ser usadas e a escolha das palavras para as partes em que não existem frases de referência - tudo isso é decidido pelo transmissor individual de um *yukar*. Assim, a mesma história nunca é contada exatamente com as mesmas palavras, mesmo que o narrador seja a mesma pessoa. Em vez disso, uma narração equivale a uma história e, na próxima vez, será uma história ligeiramente diferente, embora o enredo básico permaneça inalterado.

O *yukar* trata de eventos históricos e mitológicos (sem fazer nenhuma distinção clara entre os dois), e um tipo especial de *yukar*, o *kamuyukar*, são histórias de deuses. Além do *yukar*, há canções e vários tipos de histórias contadas na linguagem coloquial - algumas são contos de fadas, mas a maioria é de natureza didática e contada para a educação de crianças e jovens (REFSING, 1986, p. 61, tradução nossa).²

O autor prossegue descrevendo uma grande característica do povo Ainu: uma memória aguçada; característica essa de sociedades com uma rica tradição oral.

² *Excerto original:* "One *yukar* may take several hours to recite, and very long *yukar* may even be extended over a couple of evenings. Large parts of a *yukar* consist of stock phrases and descriptions, so that each transmitter of *yukar* has a sort of framework to hang the epic on. The choice of stock phrases, the order in which to use them, and the choice of words for parts where no stock phrases exist - all of this is decided by the individual transmitter of a *yukar*. Thus the same story is never told in exactly the same words, even if the narrator is the same person - rather, one telling equals one story, and the next time it will be slightly different story, even though the basic plot remains unchanged.

The *yukar* deal with historical and mythological events (without making any clear distinction between the two), and a special type of *yukar*, the *kamuyukar*, are stories of gods. Besides the *yukar*, there are songs and various types of stories told in the colloquial language - some are fairytales, but most are of a didactic nature and told for the education of children and young people."

Essa tradição oral era importante não apenas na maior parte da literatura Ainu, mas também nas cerimônias religiosas e na resolução de disputas (REFSING, 1986, p. 61-62):

Nenhuma cerimônia religiosa era realizada sem a recitação de épicos ou cantos, e as histórias didáticas forneciam educação moral e ética para os jovens. Quando surgiam conflitos entre aldeões ou grupos territoriais, eles eram resolvidos por meio de disputas formais chamadas caranke. Na frente de todos, os oponentes entoavam cantos ou pronunciavam seus argumentos em frases poéticas, e o melhor orador ganhava a disputa (REFSING, op. cit. p. 61-62, tradução nossa).³

Essas tradições orais foram ao longo do tempo sendo perdidas, pelo avanço do tempo e falta de um sistema de escrita próprio. Grande parte do acesso ao Ainu em estágios anteriores é em textos e vocábulos anotados em alfabeto romano ou nos alfabetos silábicos japoneses por estudiosos e viajantes anteriores; porém, muitas falas preservadas provêm dos registros de *yukar* e dos cantos épicos (REFSING, 1986, p. 61).

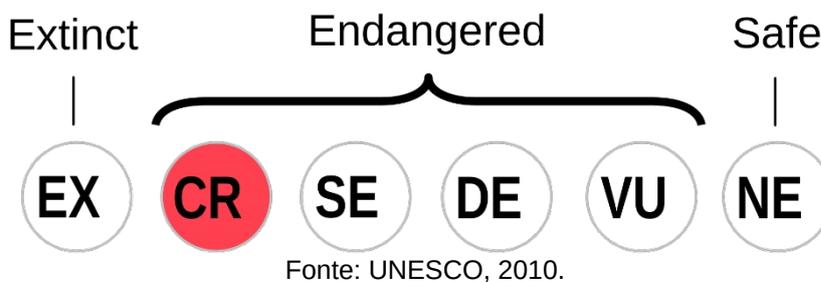
2.1.5. Língua criticamente em perigo

De acordo com a UNESCO (2010, p. 11-12), existem cinco níveis de perigo para as línguas no mundo, sendo elas: segura (NE), quando a língua é falada por todas as gerações normalmente; vulnerável (VU), quando a maioria das crianças falam a língua em ambientes específicos como dentro de casa; definitivamente em perigo (DE), sendo quando a língua já não é ensinada como primeira língua para as crianças; severamente em perigo (SE), quando a língua é falada somente pelos mais velhos; criticamente em perigo (CR), a língua já não é mais falada entre as gerações; e, por fim, extinta (EX), quando não há mais quem fale ou lembre da

³ *Excerto original:* “No religious ceremonies were performed without the recitation of epics or chants, and the didactic stories provided moral and ethical education for the young. When conflicts arose between villagers or territorial groups, they were settled by formal disputes called caranke. In front of everybody, the opponents would chant or utter in poetic phrasing their arguments, and the best orator would win the dispute.”

língua. A língua Ainu, atualmente, está em estágio criticamente em perigo, segundo a UNESCO (2010, p. 51) e ilustrado na [Figura 7](#).

Figura 2: Nível de perigo atual Ainu, segundo UNESCO.



Ainda de acordo com a UNESCO (2010, p. 51), a justificativa do estado atual se dá, pois, “as comunidades de fala remanescentes são muito pequenas e os falantes mais jovens já passaram da idade reprodutiva”. Em questões práticas, a língua não é mais usada como meio de comunicação diária, como diz Refsing (1986, p. 63). O autor explica que um número cada vez menor de idosos aprendeu o Ainu como primeiro idioma em casa, mas eles tinham pais bilíngues e todos aprenderam o japonês na infância ou na juventude; seus filhos são falantes monolíngues de japonês, ou até semi falantes de Ainu.

Quando, exatamente, um idioma deve ser declarado extinto, depende de como se define um idioma vivo. Segundo o olhar de Refsing (1986, p. 63), em termos de comunidade de fala ativa, pode-se afirmar a morte do Ainu, porém, em termos de perder o último falante nativo, ainda se tem alguns anos de vida. Há, atualmente, um esforço de jovens estudarem o Ainu como língua estrangeira, mas segundo Refsing (1986, p. 63), seus esforços dificilmente prolongarão a vida útil da língua Ainu.

2.1.6. Revitalização linguística

A revitalização linguística é “a área de ação e estudo que visa manter, revitalizar, apoiar ou retomar línguas ameaçadas, adormecidas e/ou minorizadas” (AMARAL, 2020, p. 1). No contexto da língua Ainu, políticas governamentais foram aplicadas, desde a década de 1970, para promover um maior reconhecimento da cultura Ainu, e, conseqüentemente, da manutenção da língua. Algumas dessas

políticas podem ser vistas com a lei de Proteção e Promoção da Cultura Ainu, de 1997; a partir de então, a Agência de Assuntos Culturais do Japão dispõe de projetos para aprender a língua Ainu e disseminá-la, tais como: aulas de Ainu, com turmas do introdutório até o avançado, cursos em rádio local de Sapporo e concursos de oratória (AGENCY FOR CULTURAL AFFAIRS, 2018, p. 81).

Apesar dos esforços, Tahara (2019) frisa que enquanto a língua Ainu não fizer parte do currículo das escolas de Hokkaido, seu futuro é incerto, pois, segundo a autora, o Ainu faz parte do patrimônio intangível japonês.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

Para melhor entender a natureza das pesquisas realizadas acerca da língua Ainu, tanto quanto seus resultados, é preciso compreender como funciona o conceito de língua, famílias linguísticas, e como é possível classificar alguma língua dentro de determinada família, fazendo utilização do método comparativo.

3.1. LÍNGUA E DIALETO

Segundo o Dicionário Priberam (2023), o termo “língua” consiste-se em um “sistema de comunicação comum a uma comunidade linguística”. Essa definição não foge do que foi estabelecido pelo linguista suíço Saussure (1913), que reconheceu que línguas são feitas de um conjunto de sistemas, relacionados entre si de formas particulares, em níveis diferentes. A função principal da língua é expressar sentidos, e transmiti-los para outra pessoa. A comunicação exige a exteriorização de uma ideia interna por meio de sinais compreensíveis, permitindo sua reconstrução na mente do receptor.

Outro conceito importante, que Saussure (op. cit.) enfatizou, foi o fato de que a imagem mental na cabeça de um falante e a forma física usada para transferir essa imagem são completamente arbitrárias. De fato, cada indivíduo pensa de forma diferente, e, portanto, transmitiria pensamentos de formas diferentes.

As definições de línguas diferentes e dialetos são amplamente discutidas na comunidade linguística, não havendo um consenso; portanto discutiremos as objeções mais amplamente aceitas. Primeiramente, segundo Kuno (2006, p. 60):

A não ser que haja uma condição especial, a diferença linguística é pequena entre regiões próximas, e maior entre localidades distantes, chegando a ponto de os falantes não se entenderem. Assim são formadas diferentes línguas, mas não existe uma regra para se definir quanta diferença seria necessária para que duas variantes sejam consideradas duas línguas ou dois dialetos (KUNO, 2006, p. 60).

Já segundo Chambers e Trudgill (2004), dialetos podem ser considerados subdivisões de determinada língua. Havendo a dificuldade de estabelecer o que são línguas diferentes e o que são dialetos, os autores sugerem que “uma língua é uma coleção de dialetos mutualmente inteligíveis” (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004, p. 3). O principal problema sobre essa definição é que admite-se níveis de dialetos mais ou menos inteligíveis entre si (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004, p. 4). Ainda segundo os autores: “Inteligibilidade mútua também dependerá, ao que parece, de outros fatores, tais como o grau de exposição dos ouvintes à outra língua, seu grau de educação e, curiosamente, a sua vontade de compreender” (CHAMBERS; TRUDGILL, op. cit, tradução nossa).⁴

Dialogando com as proposições discutidas, Campbell (1998, p. 165) diz que dialetos são variedades (regionais ou sociais) da língua, sendo elas mutualmente inteligíveis com outros dialetos da mesma língua. E, já sob o olhar da linguística histórica, o termo “dialeto” não compreende pouco conhecidas ou línguas minoritárias, também não sendo mais utilizado para se tratar de língua-filha de famílias linguísticas (CAMPBELL, op. cit.).

3.2. FAMÍLIA LINGUÍSTICA

Observando sobre as definições de família linguística, é comumente aceito na comunidade linguística afirmar que se entende como um grupo de línguas geneticamente relacionadas, ou seja, línguas que compartilham um parentesco linguístico em virtude de ter se desenvolvido a partir de um ancestral comum (CAMPBELL, op. cit.). Este ancestral comum, entende-se como protolíngua, que veremos na [Seção 3.4](#). Alguns exemplos de família linguística são: Indo-europeia,

⁴ *Excerto original:* “Mutual intelligibility will also depend, it appears, on other factors such as listener's degree of exposure to the other language, their degree of education and their willingness to understand.”

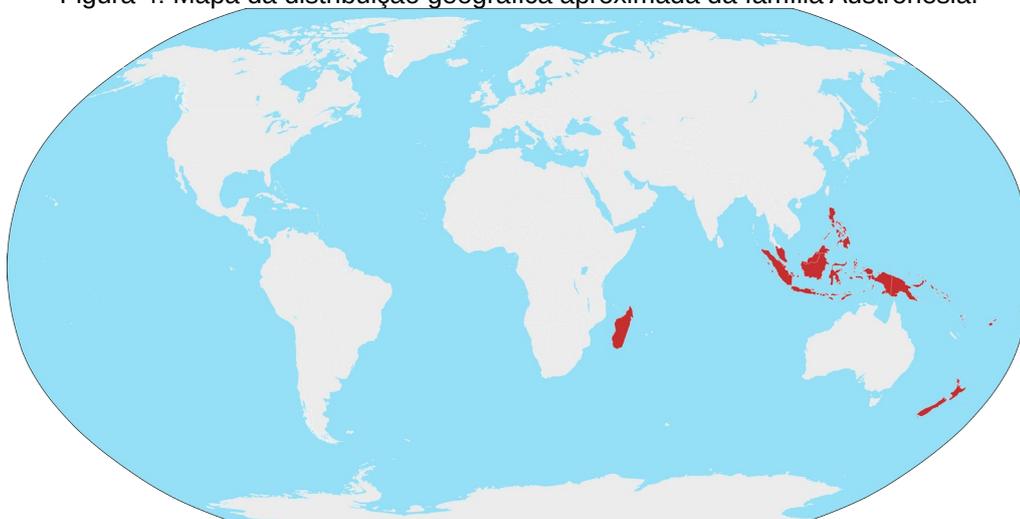
abrangendo regiões da Europa, Irã e norte da Índia; Austronésia, abrangendo ilhas do sudeste asiático e do Pacífico; Paleossiberianas, das regiões no norte e nordeste da Sibéria; e a Altaica, das regiões entre a Turquia e a Ásia Oriental, passando pela Mongólia e Sibéria. Para melhor entendimento geográfico, vejamos os mapas ilustrados da [Figura 3](#) à [Figura 6](#). Na Figura 6, observa-se que a Rússia e a China também estão delimitadas, pois partes de seus territórios incluem áreas onde se falam línguas da família Altaica, especialmente na região da Sibéria Central, próxima à Mongólia.

Figura 3: Mapa da distribuição geográfica aproximada da família Indo-europeu.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 4: Mapa da distribuição geográfica aproximada da família Austronésia.



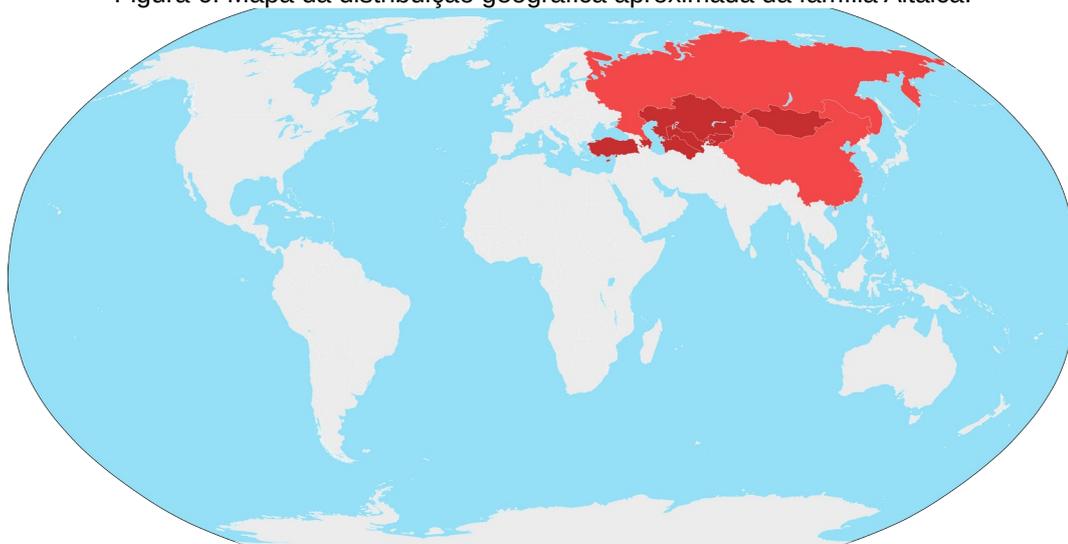
Fonte: Elaboração própria.

Figura 5: Mapa da distribuição geográfica aproximada da família Paleossiberiana.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 6: Mapa da distribuição geográfica aproximada da família Altaica.



Fonte: Elaboração própria.

3.3. SUBGRUPOS

Subgrupo é uma classificação interna de línguas, dentro das famílias linguísticas; funciona para determinar quais línguas irmãs são mais proximamente relacionadas do que outras (CAMPBELL, 1998, p. 166). É uma terminologia que pode gerar confusão, por não ser muito difundida em seu uso, de acordo com Campbell (op. cit., p. 165, tradução nossa), “pois os termos nem sempre são usados

de forma consistente e há controvérsias sobre a validade de alguns tipos de entidades que alguns rótulos pretendem identificar.”⁵ Entretanto, o autor prossegue frisando a necessidade de um termo no qual possa se diferenciar grupos linguísticos de maior ou menor parentesco, ou seja, diferentes graus de diversidades internas, ou proximidades linguísticas. Continuando a discussão sobre subgrupos, Campbell (1998, p. 167) acrescenta que: “É comum que, com o tempo, uma língua se diversifique e se divida em duas ou mais línguas filhas [...], o que significa que a língua original passa a constituir uma protolíngua.” (CAMPBELL, op. cit., tradução nossa).⁶

O conceito de protolíngua será mais bem discutido na seção seguinte.

3.4. PROTOLÍNGUA

Sobre a concepção do que seja protolíngua, Crowley e Bower (2010, p. 4) afirmam:

Se compararmos duas palavras diferentes usadas por dois grupos diferentes de pessoas que falam idiomas diferentes e descobirmos que elas expressam um significado semelhante (ou idêntico) usando sons semelhantes (ou, novamente, idênticos), precisamos nos fazer esta simples pergunta: Por quê? Por um lado, talvez seja porque há alguma conexão natural entre o significado e a forma que está sendo usada para expressá-lo [...]. Por outro lado, talvez a semelhança diga algo sobre algum tipo de conexão histórica entre os dois idiomas (CROWLEY; BOWER, 2010, p. 4, tradução nossa).⁷

5 *Excerto original*: “The terminology employed in linguistic classifications can be confusing,] since the terms are not always used consistently and there is controversy concerning the validity of some of the kinds of entities which some labels are intended to identify.”

6 *Excerto original*: “It is common for a language over time to diversify, to split up into two or more daughter languages [...], this means that the original language comes to constitute a proto-language.”

7 *Excerto original*: “If we compare two different words used by two different groups of people speaking different languages, and we find that they express a similar (or identical) meaning by using similar (or, again, identical) sounds, then we need to ask ourselves this simple question: Why? On the one hand, maybe it is because there is some natural connection between the meaning and the form that is being used to express it [...]. On the other hand, maybe the similarity says something about some kind of historical connection between the two languages.”

De acordo com Crowley e Bower (2010, p. 7), a protolinguagem e a relação entre idiomas se fundamentam na ideia de que as línguas evoluem de maneira previsível. De fato, todas as línguas mudam o tempo todo. Algumas línguas mudam mais do que outras, e mais rapidamente do que outras, mas todas as línguas mudam essencialmente (op. cit.).

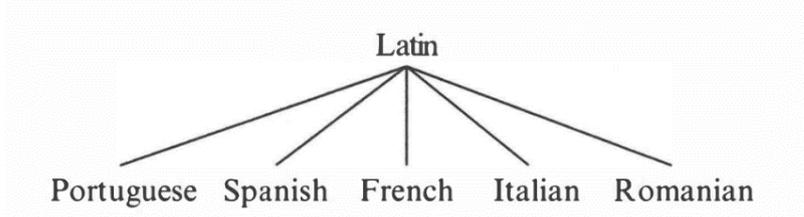
Geralmente, ainda segundo os autores (op. cit., p. 9), quando uma protolíngua evolui para produzir diversas línguas filhas diferentes, não se têm registros escritos desse processo. Porém, no caso de algumas línguas da Europa, existem registros escritos que remontam a milhares de anos, podendo-se então observar essas mudanças, baseadas em registros (op. cit.). Para facilitar a compreensão de protolíngua, tendo como base o Português, observemos o desenvolvimento do Latim:

O latim era o idioma da maior parte da Europa Ocidental na época de Cristo. Entretanto, com o passar dos séculos, o latim mudou gradualmente em sua forma falada em diferentes partes da Europa, de modo que ficou bem diferente dos registros escritos mais antigos. É importante observar que o latim mudou de maneiras diferentes no que hoje é Portugal, Espanha, França, Itália e Romênia. O resultado final disso foi a existência de diferentes idiomas na Europa que hoje são chamados de português, espanhol, francês, italiano e romeno. Esses idiomas são todos semelhantes até certo ponto, pois todos remontam a um ancestral comum." (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 9, tradução nossa)⁸

Nesse caso, pode-se desenhar uma árvore genealógica para descrever essa situação, conforme ilustrado na [Figura 5](#).

⁸ *Excerto original:* "Latin was the language of most of western Europe at the time of Christ. However, as the centuries passed, Latin gradually changed in its spoken form in different parts of Europe so that it was quite different from the older written records. It is important to note that Latin changed in different ways in what is now Portugal, Spain, France, Italy, and Romania. The eventual result of this was that there are different languages in Europe that are today called Portuguese, Spanish, French, Italian, and Romanian. These languages are all similar to some extent, because they all go back to a common ancestor."

Figura 7: Fragmento de árvore genealógica da protolíngua Latim.



Fonte: Crowley; Bower, 2010, p. 9.

E, mesmo que não exista registros escritos da protolíngua, é possível, utilizando a linguística histórica, reconstruir alguns de seus aspectos originais a partir dos reflexos nas línguas filhas, usando o método comparativo, que será mais bem discutido mais à frente.

3.5. LÍNGUAS ISOLADAS

São consideradas línguas isoladas aquelas que não demonstraram ser descendentes de nenhuma língua ancestral que tenha outros descendentes (línguas filhas) além da língua isolada em questão (CAMPBELL, 2017, p. 1). Algumas das línguas isoladas mais conhecidas são o Ainu – foco da presente pesquisa, o Basco, o Burushaski, o Etrusco, o Gilyak (Nivkh), o Sumério, o Tarasco, o Zuni e vários outros nas Américas, segundo Campbell (1998, p. 1).

Campbell (2017, p. 1) prossegue dizendo que o número absoluto de línguas isoladas é incerto, e nunca será conhecido, por diversos fatores.

Há muitos idiomas não classificados ou não classificáveis, cuja documentação é tão pobre ou inexistente que não é possível comparar o idioma de forma significativa com outros para determinar se ele pode ou não estar relacionado a qualquer outro idioma (CAMPBELL, 2017, p. 1, tradução nossa).⁹

⁹ *Excerto original*: “There are many unclassified, or unclassifiable, languages, where the documentation is so poor or non-existent that it is not possible to compare the language meaningfully to others to determine whether it may be related to any other language or not.”

Embora inúmeras tentativas tenham sido feitas desde o século XIX para relacionar a língua Ainu a outras famílias linguísticas, a comunidade linguística ainda não chegou a um consenso sobre sua classificação, o que a coloca em uma posição única no cenário linguístico mundial. Além disso, vale ressaltar que todas as pesquisas realizadas utilizaram-se do método comparativo, ao qual veremos mais detalhadamente a seguir.

3.6. MÉTODO COMPARATIVO

Segundo o Dicionário Priberam (2023), “comparar” consiste em “confrontar uma coisa com outra para lhe determinar diferença, semelhança ou relação”. Na linguística, o método comparativo parte deste ponto de vista. Crowley e Bower (2010, p. 79) usam o termo “reconstruir”, ou seja, o método comparativo seria uma maneira de “desfazer” as mudanças ocorridas entre a protolíngua e as línguas descendentes. Para isso, é necessário observar os reflexos da forma nessas línguas filhas:

Com isso, quero dizer que você deve procurar formas nas várias línguas relacionadas que parecem ser derivadas de uma forma original comum. Duas dessas formas são cognatas entre si, e ambas são reflexos da mesma forma na protolíngua. Ao realizarmos a reconstrução linguística dessa maneira, usamos o método comparativo. Isso significa que comparamos as formas cognatas em dois (ou, de preferência, mais) idiomas relacionados a fim de descobrir alguma forma original da qual esses cognatos poderiam ser razoavelmente derivados. Ao fazer isso, temos que ter em mente o que já se sabe sobre os tipos de mudanças sonoras que são prováveis e os tipos de mudanças que são improváveis (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 79, tradução nossa).¹⁰

10 *Excerto original*: “By this, I mean that you have to look for forms in the various related languages which appear to be derived from a common original form. Two such forms are cognate with each other, and both are reflexes of the same form in the proto language. In carrying out linguistic reconstruction in this way, we use the comparative method. This means that we compare cognate forms in two (or preferably more) related languages in order to work out some original form from which these cognates could reasonably be derived. In doing this, we have to keep in mind what is already known about the kinds of sound changes that are likely, and the kinds of changes that are unlikely.”

Em suma, é uma técnica que compara duas ou mais línguas em busca de uma protolíngua comum, ou seja, uma relação genética, através de cognatos – para enfim descobrir uma possível forma original. Segundo Rankin (2003, p. 183):

Os elementos ancestrais recuperados podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos etc., e podem ser unidades no sistema (fonemas, morfemas, palavras etc.), ou podem ser regras, restrições, condições ou similares, dependendo do modelo de gramática adotado. [...] Na prática, isso quase sempre envolveu o início do vocabulário básico cognato, a extração de correspondências sonoras recorrentes e a reconstrução de um sistema protofonológico e de um léxico parcial (RANKIN, 2003, p. 183, tradução nossa).¹¹

Para a aplicação do método comparativo, é preciso considerar diversas etapas, que podem ser ajustadas ao longo da pesquisa. A flexibilidade deste método permite que o pesquisador avance e retroceda entre os passos, conforme a necessidade. Estas etapas, em sua maioria, se apresentam como coleta de cognatos, correspondência sonora e reconstrução. Veremos mais sobre cada uma a seguir.

3.6.1. Pesquisa e separação de cognatos

Para iniciar o método comparativo, é necessário procurar por possíveis cognatos entre os idiomas relacionados – ou que se procura encontrar relação – e lista-se esses cognatos em uma estrutura ordenada, como colunas e tabelas. Cognatos, de acordo com Cintra (1998), são palavras que têm origem comum, ou seja, palavras que possuem grafia e sentido semelhantes, em idiomas diferentes. Para Crowley e Bower (2010), para decidir se os termos selecionados são cognatos verdadeiros ou não, deve-se considerar o quanto são semelhantes, tanto

¹¹ *Excerto original:* “The recovered ancestral elements may be phonological, morphological, syntactic, lexical, semantic, etc., and may be units in the system (phonemes, morphemes, words, tc.), or they may possibly be rules, constraints, conditions, or the like, depending on the model of grammar adopted. [...] In practice this has nearly always involved beginning with cognate basic vocabulary, extraction of recurring sound correspondences, and reconstruction of a proto-phonological system and partial lexicon.”

na forma quanto no significado. “Se forem semelhantes o suficiente para que se possa presumir que são derivadas de uma única forma original com um único significado original, então dizemos que são cognatas.” (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 81)¹². Para exemplificar, vejamos alguns cognatos verdadeiros do Latim em algumas línguas contemporâneas no [Quadro 1](#).

Quadro 1: Exemplos de palavras cognatas entre Latim, Português, Espanhol, Francês Italiano e Romeno.

Latim	Português	Espanhol	Francês	Italiano	Romeno
Arbor	Árvore	Árbol	Arbre	Albero	Copac
Flos	Flor	Flor	Fleur	Fiore	Floare
Mors	Morte	Muerte	Mort	Morte	Moarte
Malum	Maçã	Manzana	Pomme	Mela	Măr

Fonte: Elaboração própria.

Em geral, convencionou-se começar com cognatos de vocabulário básico (como partes do corpo, termos de parentesco próximo, números baixos, termos geográficos em comum, etc) já que são vocábulos que resistem mais ao empréstimo do que outros tipos de vocábulos, como dito por Campbell (1998, p. 112). Geralmente é utilizada inicialmente uma lista de 100 a 200 palavras básicas nesta etapa de pesquisa de cognatos (RANKIN, 2003, p. 187).

3.6.2. Correspondência sonora

Após a separação de cognatos, é possível agora estabelecer o conjunto completo de correspondências sonoras, onde tenta-se encontrar conjuntos de sons que parecem ser descendentes do mesmo som original, como diz Crowley e Bower (2010, p. 82). Nesse momento, utiliza-se a representação fonêmica do som, e não a ortografia convencional (CAMPBELL, 1998, p. 113).

É importante também que não se estabeleça por engano correspondências sonoras que ocorrem por acaso. As línguas podem possuir palavras que possuem sons parecidos por acidente (CAMPBELL, 1998, p. 113). Por exemplo, o Inglês *day* e

¹² *Excerto original*: “If they are similar enough that it could be assumed they are derived from a single original form with a single original meaning, then we say that they are cognate.”

o Latim *dies* possuem o mesmo significado (“dia”) e fonética semelhante, porém não classificam uma correspondência sonora verdadeira, pois, o *d-* inicial do Inglês não corresponde regularmente ao *d-* inicial no Latim (BEEKES, 1995, p. 127). Nesse caso, para verificar se a correspondência sonora é em decorrência de uma protolíngua, é necessário verificar se o padrão se repete em outros conjuntos de cognatos; se ocorrer, ou seja, se não for um evento isolado, entende-se por correspondências sonoras genuínas (CAMPBELL, op. it., p. 113).

Outro problema que pode aparecer nesta fase é que, nos casos em que se descartou algumas palavras na etapa anterior, por não terem sido consideradas cognatas verdadeiras, essas correspondências sonoras podem ficar incompletas, como exemplifica Crowley e Bower (2010, p. 84). Neste caso, então, os autores discutem que seria preciso buscar novos termos possíveis cognatos, para preencher a lacuna faltante: um exemplo da quebra na linearidade encontrada em pesquisas comparativas.

3.6.3. Reconstrução do protossom

Superada a separação de cognatos e correspondência sonora, as próximas fases podem ser executadas de maneiras diferentes, a depender do pesquisador, mas há uma tendência para a reconstrução sonora, ou seja: qual som original na protolíngua poderia ter produzido as variações que são vistas nas línguas filhas (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 85). Às vezes o som pode ter sido herdado sem alterações; porém, é comumente visto alterações sonoras (CAMPBELL, 1998, p. 115). A partir deste momento, segundo Campbell (1998, p. 115), reconstrói-se o protossom postulando da protolíngua mais provável com base nas propriedades fonéticas dos sons descendentes. Pode-se perceber essa concepção de reconstrução fonética, de acordo com o que Campbell (1998, p. 118) diz:

Tentamos reconstruir o protossom com o máximo de precisão fonética possível, ou seja, queremos que nossa reconstrução seja a mais próxima possível da forma fonética real do som, como era pronunciado quando a protolíngua era falada. Nunca poderemos saber com certeza a precisão com que o som reconstruído corresponde ao som real da protolíngua falada

anteriormente, mas, em geral, quanto mais informações estiverem disponíveis para basear a reconstrução, maior será a probabilidade de conseguirmos uma reconstrução razoavelmente precisa. Tentamos obter o máximo de realismo fonético possível observando quais características fonéticas são compartilhadas entre os reflexos vistos em cada uma das línguas filhas na correspondência sonora. Determinamos quais características fonéticas são comuns aos reflexos nas línguas filhas e, em seguida, tentamos reconstruir o protossom incorporando a ele essas características fonéticas compartilhadas (CAMPBELL, op. cit. p. 118, tradução nossa).¹³

Ao reconstruir um protofonema, Crowley e Bower (2010, p. 85) identificaram dois princípios gerais:

1. Qualquer reconstrução deve envolver mudanças sonoras plausíveis, a menos que haja boas evidências do contrário, e;
2. Qualquer reconstrução deve envolver o mínimo possível de alterações entre a protolíngua e as línguas filhas.

Ambos os princípios respondem ao conceito de economia linguística, sendo comentado por Campbell (1998, p. 119-120):

O que se quer dizer com o critério de economia é que, quando há várias alternativas disponíveis, aquela que requer o menor número de mudanças independentes tem maior probabilidade de estar correta. O critério de economia baseia-se na suposição de que as chances de que uma única mudança tenha ocorrido são maiores do que as de que três mudanças independentes tenham ocorrido. É claro que, às vezes, ocorrem mudanças independentes, de modo que o critério nem sempre garante resultados corretos; mas, se todo o resto for igual, as chances de uma reconstrução que incorpora suposições mais econômicas estar correta são maiores do que as de uma reconstrução que pressupõe desenvolvimentos menos econômicos (CAMPBELL, op. cit. p. 119-120, tradução nossa).¹⁴

13 *Excerto original*: "We attempt to reconstruct the proto-sound with as much phonetic precision as possible; that is, we want our reconstruction to be as close as possible to the actual phonetic form of the sound as it was pronounced when the proto-language was spoken. We can never know for sure how accurately our reconstructed sound matches the actual sound of the formerly spoken proto-language, but in general, the more information available upon which to base the reconstruction, the more likely it is that we may be able to achieve a reasonably accurate reconstruction. We attempt to achieve as much phonetic realism as possible by observing what phonetic features are shared among the reflexes seen in each of the daughter languages in the sound correspondence. We determine which phonetic features are common to the reflexes in the daughter languages, and then we attempt to reconstruct the proto-sound by building into it these shared phonetic features."

14 *Excerto original*: "What is meant by the criterion of economy is that when multiple alternatives are available, the one which requires the fewest independent changes is most likely to be right. The

Portanto, de acordo com o critério de economia linguística, é frequentemente reconstruído como forma original o som que tem a maior distribuição nas línguas filhas.

Há ainda, após a reconstrução de fonemas, os processos de reconstruções de morfemas, léxicos e até sintaxe. Para conseguir avançar nas pesquisas, é fundamental uma quantidade abrangente de dados, e os critérios de ordem são elegíveis pelo pesquisador. Para os fins demonstrativos e explicativos propostos por este trabalho, encerraremos na reconstrução sonora. A partir da teoria vista até então, será possível entender o processo de como se deu as pesquisas discutidas a seguir nos dados.

4. DADOS E ANÁLISE

4.1. FILIAÇÃO LINGUÍSTICA DO AINU

Atualmente, é seguro afirmar que a língua Ainu é considerada uma língua isolada. Ao longo do tempo, diversas pesquisas foram realizadas, e diversas hipóteses sobre filiações linguísticas também surgiram. Entretanto, nenhuma conseguiu satisfazer as condições de pertencimento em uma família linguística, de acordo com o método comparativo. Veremos a seguir as hipóteses levantadas; todas de acordo com a extensa pesquisa de Patrie (1982).

4.1.1. Hipótese Indo-Europeia

Segundo Patrie (1982, p. 4), uma das características dos Ainu que mais chamou a atenção dos primeiros exploradores e comerciantes ocidentais foi a aparência “não-oriental”, de acordo com eles. E, de fato, os Ainu possuem características bastante diferentes dos japoneses. Essas características chegaram à Europa de forma exagerada, com histórias de um povo loiro e de olhos azuis

criterion of economy rests on the assumption that the odds are greater that a single change took place than those three independent changes took place. Of course, sometimes independent changes do take place, so that the criterion does not always guarantee correct results; but all else being equal, the chances of a reconstruction which embodies more economical assumptions being correct are greater than for a reconstruction which assumes less economical developments.”

habitando o norte do Japão (Patrie, op. cit. p. 4). Assim, supôs-se que fossem um povo caucasiano, levantando a hipótese de uma língua Indo-Europeia.

O principal pesquisador desta hipótese é Ivar Lindquist (1960, apud PATRIE, 1982, p. 5), que obteve como evidência conclusiva uma lista de 14 palavras com base semântica comum à um Proto-Indo-Europeu, relacionadas a fenômenos de “luz” e “escuridão”. Decerto, esta lista dificilmente justificaria um pertencimento em uma família linguística, tendo sua importância no âmbito acadêmico praticamente nula. Posteriormente à pesquisa de Lindquist (op. cit.), diversas outras pesquisas rejeitaram a proposta.

4.1.2. Hipótese Austronésia

A principal hipótese nesta família foi feita pelo Sternberg (1929, p. 759), propondo que os Ainu possuem origem austronésia, migrando posteriormente ao arquipélago japonês. Sua evidência linguística foi baseada na não aparente relação genética com seus vizinhos geográficos; portanto, sua base era antropológica. Ele cita semelhanças com desenhos, artigos de vestuário e ferramentas e aparência física entre os Ainu e diversas tribos austronésias. Porém, todas as evidências que o autor propõe, também podem ser encontradas em povos de outras regiões do mundo.

Portanto, a hipótese austronésia estaria de igual validade à hipótese indo-europeia. Porém, alguns segmentos da academia soviética aceitaram-na como comprovada por motivos políticos, como explica Patrie (1982, p. 6):

O fato de os Ainu serem nativos da ilha de Hokkaido é indiscutível. O fato de Hokkaido ser parte integrante do Japão também não pode ser contestado. Afirmar que os Ainu migraram para o Japão por meio de Karafuto seria o mesmo que dizer que Hokkaido e Karafuto são essencialmente um único território. E como Hokkaido é, sem dúvida, território japonês, Karafuto também o é. Assim, para evitar até mesmo a possibilidade dessa conclusão um tanto embaraçosa [já que a ilha Sacalina faz parte do território Russo desde o fim da Segunda Guerra Mundial], alguns estudiosos soviéticos adotaram a hipótese da origem sulista. Assim, eles afirmam que os Ainu são

apenas intrusos recentes em Karafuto (Patrie, op. cit. p. 6, tradução nossa).¹⁵

Sendo assim, até que apareçam evidências linguísticas sólidas que justifiquem a hipótese austronésica, ela também deve ser descartada.

4.1.3. Hipótese Paleossiberiana

O paleossiberiano especifica mais um agrupamento linguístico geográfico do que uma família linguística em seu sentido comum de filiação genética (FORTESCUE, 1998, p. 1). Portanto, línguas isoladas como o Gilyak, o Yukagir e o Ainu são comumente agrupadas na ampla família paleossiberiana, juntamente com outras línguas em que há evidências suficientes para supor uma relação genética.

4.1.4. Hipótese Altaica

De acordo com Patrie (1982, p. 6), hipóteses sobre a afinidade de várias línguas altaicas foram propostas em meados do século XVIII. Com o surgimento e o desenvolvimento da linguística histórico-comparativa, estudiosos começaram a aplicar seus princípios a línguas fora da família indo-europeia. No entanto, as ligações entre as famílias turca, mongólica e outras apresentaram muito mais dificuldades do que no caso do indo-europeu, pois não havia grandes quantidades de dados de palavras e cognatos facilmente reconhecíveis para servir de base às reconstruções. Os principais recursos considerados necessários e suficientes para estabelecer relações genéticas na família altaica eram as semelhanças tipológicas.

Porém, a falha dessa avaliação e classificação se dá por conta de semelhanças tipológicas não serem necessariamente suficientes para justificar uma protolinguagem – sem evidências de correspondências sonoras recorrentes. O

15 *Excerto original:* "That the Ainu are indigenous to the island of Hokkaido is without dispute. That Hokkaido is an integral part of Japan also cannot be disputed. To maintain that the Ainu migrated to Japan via Karafuto would be tantamount to saying that both Hokkaido and Karafuto are essentially one territory. And since Hokkaido is without question Japanese territory, it would follow that Karafuto is likewise. Thus, to avoid even the possibility of this rather embarrassing conclusion, some Soviet scholars seized upon the southern origin hypothesis. They thus maintain that the Ainu are but recent interlopers to Karafuto."

campo de estudos do altaico é mais recente do que o do indo-europeu e, além disso, não tem registros escritos tão antigos quanto o indo-europeu. Portanto, a comunidade linguística não se surpreende quanto às evidências que justificam uma protolinguagem altaica serem mais desafiadoras e não tão claras quanto as do proto-indo-europeu.

A família de línguas altaicas é um grupo amplo que incorpora línguas do extremo oeste até o leste. Hipóteses de que o coreano e o japonês sejam línguas altaicas também já foram levantadas – sem conclusões positivas até o momento (ROBBEETS, 2005, p. 422). Quanto ao Ainu, não há grandes impedimentos para a possibilidade de uma relação com o altaico; já que os Ainu das ilhas de Hokkaido e Karafuto estão separados dos povos altaicos do continente asiático apenas por um corpo de água. Assim, a família altaica deve ser um alvo provável de investigação quando se considera uma filiação genética do Ainu.

Todavia, não houve grandes estudos que justificam a hipótese para sugerir uma filiação entre o Ainu e a família altaica. Pesquisadores desta família ainda trabalham para justificar a existência de uma unidade linguística proto-altaica; portanto, tentativas de incorporar novas línguas à família são evitadas – como o Ainu, o Coreano e o Japonês. É preciso salientar, também, a dificuldade de pesquisadores ocidentais de lidar com materiais de referência japoneses (por conta do idioma) sobre o Ainu, que os impede de apresentar qualquer hipótese viável – em qualquer família linguística.

Street (1962, p. 97) sugere a possibilidade de uma relação entre o altaico e o Ainu ao levantar a hipótese de uma família de línguas proto-norte-asiáticas que se dividiu em proto-altaico e outra protolíngua não especificada. O autor sugere que, se o Ainu estiver relacionado com o altaico, essa relação seria muito distante; significando que os cognatos altaico-ainu seriam muito poucos.

4.2. COMPARAÇÃO COM O JAPONÊS

Shibatani (1990, p. 5) diz que, devido à proximidade geográfica, o Ainu e o japonês são candidatos prováveis a um agrupamento linguístico. E, de fato, em quase todas as descrições da língua Ainu, há muitas referências para semelhanças ou diferenças com os japoneses, como aponta Refsing (1986, p. 49). A autora

prossegue discorrendo que o motivo dessa tendência comparativa é que a maioria dos linguistas que pesquisa sobre os Ainu, tem o japonês como língua materna ou o aprendeu e o utiliza para se comunicar com seus informantes. Porém, apesar de sua proximidade geográfica, Shibatani (1990, p. 5) afirma que ambas as línguas possuem estruturas linguísticas bastante distintas.

Utilizando do método comparativo, alguns dos possíveis cognatos entre o japonês e o Ainu podem ser os pronomes interrogativos, pois, fazerem parte do vocabulário básico de ambos os idiomas, e, portanto, material de pesquisa. Vejamos o [Quadro 2](#).

Quadro 2: Pronomes interrogativos, comparando Japonês e Ainu, com referencial em Português.

Japonês	Ainu	Português
Dou	Nekon	Como
Dono	Nep	O que
Dare	Nen	Quem
Doko	Neyta	Onde
Itsu	Hempara	Quando
Ikutsu	Hempak	Quanto

Fonte: Adaptação de Refsing (1986, p. 101-103).

Como pôde ser notado no quadro 2, a maioria dos interrogativos no japonês tem como base *do-*, enquanto em Ainu, sua base é *ne-*. Apesar destas dissemelhanças, os pronomes interrogativos “quando” e “quanto” são igualmente discrepantes da maioria, em ambos os idiomas. Portanto, pondo em análise, sob foco do método comparativo, esses seriam dados ideais para encontrar cognatos verdadeiros, e apesar de características gerais semelhantes, não foram possíveis de serem declarados como cognatos verdadeiros de fato, por conta de estruturas linguísticas diferentes.

Além das questões relacionadas aos idiomas, Ono (1970, p. 70) cita várias evidências não-linguísticas, como de elementos químicos específicos, tipologias sanguíneas e impressões digitais, para verificar a distinção entre os dois povos; porém, apesar dessa perspectiva multidisciplinar ser promissora, estas análises estão além dos motivos e objetivos do presente trabalho, cujo foco se mantém na língua.

Observando as questões linguísticas mais atentamente, veremos a seguir os pontos divergentes e semelhantes entre as línguas Ainu e Japonês.

4.2.1. Pontos divergentes

Batchelor (1905, p. 4), de acordo com sua pesquisa, listou 15 pontos principais nos quais as línguas Ainu e Japonês são divergentes. Segundo o autor, os pontos são:

1. A língua japonesa possui apenas posposições. O Ainu, além de diversas posposições, possui também duas preposições: *e* que significa “para”, “em direção a”; e *o* que significa “de”. Exemplificando: *e chup-pok-un chup ahun* “o Sol se põe no Oeste”, *o chup-ka-un chup ketuku* “o Sol nasce do Leste”. Estas preposições possuem sentido semelhante à *kara* e *made* do japonês, significando ponto de partida e de chegada, consecutivamente;
2. As posposições em Ainu são frequentemente usadas de forma independente, de maneira divergente da língua japonesa, que ocorre sempre após substantivo;
3. Juntamente ao uso de preposições em Ainu, está o uso de prefixos formativos. Assim, a voz passiva é obtida prefixando-se à ativa. Exemplificando: *raige* “matar”, *a-raige* “ser morto”. Uma verbalização, ou seja, uma formação de verbos por processos morfológicos derivacionais, é transmitida pelo prefixo *e*, observando: *pirika* “bom” e *e-pirika* “ser bom para”; *milk* “latir”, *e-milk* “latir para”, e *a-e-milk* “ser latido para”. Essa estrutura é completamente estranha ao sistema gramatical japonês, que denota relações gramaticais exclusivamente por meio de sufixos;
4. A voz passiva Ainu, mencionada no tópico anterior, ocorre também de forma diferente do japonês. O hábito de olhar para todas as ações de um ponto de vista ativo seria uma das características do pensamento japonês, conforme expresso em sua gramática. Por outro lado, os Ainu usam a passiva de forma muito mais frequente. Exemplificando em uma frase: *eene a-kari ka isam* “não há nada a ser feito”, mais literalmente “a coisa a ser feita nem mesmo é”; enquanto em japonês ocorreria *shikata ga nai* “não há o que fazer”. Em

japonês, seria difícil transformar essa frase em passiva, bem como empregar na literatura ou na linguagem coloquial;

5. O Ainu possui muitos verbos reflexivos formados a partir do transitivo por meio do prefixo **yai**, “si mesmo”; diferentemente do japonês que não possui verbos reflexivos. Exemplificando: **yai-eram-pokem** “sentir pena de si mesmo”, ou seja, “ficar desapontado”; **yai-raige** “cometer suicídio”;
6. Ainu também possui pronomes pessoais: “você”, *kani* e *ku*, enquanto *k'* como “eu”; por exemplo: **kani k'eraman** “eu sei”. Em japonês não existe pronomes pessoais¹⁶, o que ocorre é o uso de locuções honoríficas e humildes para tratar de si e de outras pessoas: em exemplo *wakarimashita* sendo “[eu] entendi”. As locuções honoríficas, em português, é o equivalente a “senhor” ou “vossa excelência”;
7. Alguns traços do uso de caso, como ocorre em Latim – por exemplo – existem no primeiro pronome pessoal Ainu. A declinação seria: *ku* “eu”, *chi* “nós” – em caso nominativo; *en* “me”, *un* ou *i* “nos” – em caso acusativo, referente à objeto. Algo dessa natureza não ocorre no japonês;
8. Alguns traços de uma inflexão plural são encontrados na conjugação dos verbos Ainu, que podem transformar o singular *n*, no plural *p*, a exemplo de: *ahun*, *ahup* como “entrar” em singular e plural, respectivamente. No japonês não só não possui formas plurais, sejam elas flexionais ou aglutinativas, mas a marcação de número gramatical é tão divergente à língua quanto a de pessoa;
9. O japonês flexiona seus verbos por meio de sufixos aglutinativos que, em certos modos e tempos verbais, combinam-se tão intimamente com a raiz que são indistinguíveis de flexões. Em exemplo: a partir da raiz *ot* e do radical *otos*, significando “deixar cair”, temos formas conjugacionais como *otosu* no presente, *otose* no imperativo, *otoshita* no passado. Em Ainu, não ocorre nada desse tipo, toda sua conjugação é gerenciada por auxiliares. O verbo original nunca varia, essencialmente;
10. Um dispositivo gramatical, do qual depende grande parte da construção japonesa, é que cada tempo verbal do modo indicativo dos verbos e adjetivos

16 Aqui contamos com o ponto de vista do Batchelor. Nos dias atuais, oficialmente (gramática escolar, por exemplo), uma das divisões dos pronomes japoneses já conta com pronomes pessoais.

japoneses é flexionado de modo a indicar a natureza de sua concordância gramatical com as outras palavras da frase, e que um dos resultados do sistema é a formação de frases longas, cujas cláusulas são mutuamente interdependentes, de tal forma que a influência de qualquer verbo ou adjetivo quanto ao tempo verbal e ao modo não é definida até que o verbo final venha a completar todo o período.¹⁷ No Ainu, essas distinções de formas não são representadas, nem mesmo com auxiliares;

11. A língua japonesa é carregada da consciência honorífica. Os honoríficos substituem, até certo ponto, os pronomes pessoais – como visto no ponto 6 – e as flexões verbais que indicam a pessoa. Em Ainu, ao contrário, não tem honoríficos, ao sentido e forma que ocorre em japonês, a menos que atribuiremos esse nome a expressões comuns de polidez que ocorrem normalmente nas mais diversas línguas, como ocorre em português;
12. Uma regra da fonética japonesa [exclui]¹⁸ a consoante r do início das palavras. Em Ainu não existe nenhuma regra semelhante;
13. O japonês usa constantemente o que pode se chamar de genitivos – que representam complemento possessivo, limitativo ou determinativo – em vez de nominativos. Exemplificando, tem-se: *hito ga kuru* sendo “a pessoa vem”. Esta estrutura seria desconhecida nos hábitos de fala dos Ainu;
14. O japonês e o Ainu tratam a ideia de negação de formas diferentes. O Ainu usa um advérbio negativo independente: *shomo* ou *seenne*, que corresponde exatamente à palavra no português “não”. Ele também possui alguns verbos negativos, como *isam* sendo “não ser”, *uwa* sendo “não saber”. Em japonês, a ideia de negação é invariavelmente expressa no verbo, que passa por todos os modos e tempos;

17 Neste item, o autor quis explorar a natureza aglutinadora da estrutura frasal do japonês, em que o verbo é colocado no final da sentença. Essa organização peculiar faz com que informações cruciais, como o tempo verbal, só se tornem evidentes após a conclusão da frase, o que exige que o interlocutor aguarde o fim do enunciado para compreender plenamente o contexto temporal e o sentido geral da mensagem. Em contraste, então, da língua Ainu que não segue uma estrutura aglutinadora, pois funciona com o uso de auxiliares, permitindo que essas informações sejam expressas de forma mais direta, sem a dependência do verbo final.

18 Aqui, o autor discute o fenômeno da "expulsão" em palavras de origem nativa japonesa, que historicamente evitavam o início de palavras com a consoante "r". No entanto, com a crescente influência de empréstimos do chinês e de outras línguas estrangeiras, essa restrição foi flexibilizada, e hoje em dia o uso de palavras começando com "r" é aceitável e ocorre na língua japonesa.

15. O sistema de contagem nas duas línguas é completamente diferente. O sistema japonês – desconsiderando os números de origem chinesa – consiste em palavras independentes até o número dez (salvo morfemas componentes de lexemas, como o caso de *hata* “vinte”, *miso* “trinta”, entre outros). Após o dez, usa-se somente o sistema numérico decimal de origem chinesa e conta-se dez mais um, dez mais dois, vinte mais um, e assim por diante. A natureza complicada do método de contagem Ainu são: a invariável prefixação do número menor ao maior, a mistura de um sistema decimal e vigesimal, a existência de uma unidade correspondente a “pontuação” e a ausência de qualquer unidade superior à pontuação. A noção de unidade como “cem” e “mil” não existiria para os Ainu. Eles podem dizer “cinco pontos” sendo como “100”, e “dez tirados de seis pontos” sendo “110”. Mas não conseguiriam subir valores mais altos que isso. Para exemplificar, se uma pessoa quiser dizer que tem 23 anos de idade, ele se expressaria “eu tenho sete anos mais dez anos, de dois anos e meio”.

Não apenas o método de combinação de diferentes numerais é totalmente diferente nos dois idiomas, como também o modo pelo qual os numerais elementares até dez foram formados também é bastante divergentes. Em Ainu, os quatro primeiros numerais parecem independentes, vendo-se: *shine* “um”, *tu* “dois”, *re* “três”, *ine* “quatro”. O número cinco é possivelmente “novo quatro”, sendo “*ashikne*”. Os próximos quatro numerais são obtidos por um processo de subtração do número maior “dez”, ou seja: *ine* “quatro” em *iwan* “seis” - quatro para dez; *re* “três” em *arawan* “sete” - três para dez; *tu* “dois” em *tupessan* “oito” - dois para dez; *shine* “um” em *shinepesan* “nove” - um para dez; e por fim *wan* sendo “dez”. Para uma melhor visualização, e comparação com o japonês, vejamos o Quadro 3.

Quadro 3: Números de um a dez, comparando Japonês e Ainu, com referencial em Português.

Japonês (origem japonesa)	Ainu	Português
Ichi	Shine	Um
Ni	Tu	Dois
San	Re	Três
Yon	Ine	Quatro
Go	Ashikne	Cinco
Roku	Iwan	Seis
Nana	Arawan	Sete
Hachi	Tupessan	Oito
Kyuu	Shinepesan	Nove
Jyuu	Wan	Dez

Fonte: Elaboração própria.

Poderia haver espaço para dúvidas quanto à derivação de *iwan* “seis” e *arawan* “sete”; porém, *tupesán* é sem dúvidas “duas (tu) coisas (pe) descem (san) [de dez]”, e *shinapesan* é evidentemente “uma coisa descida [de dez]”.

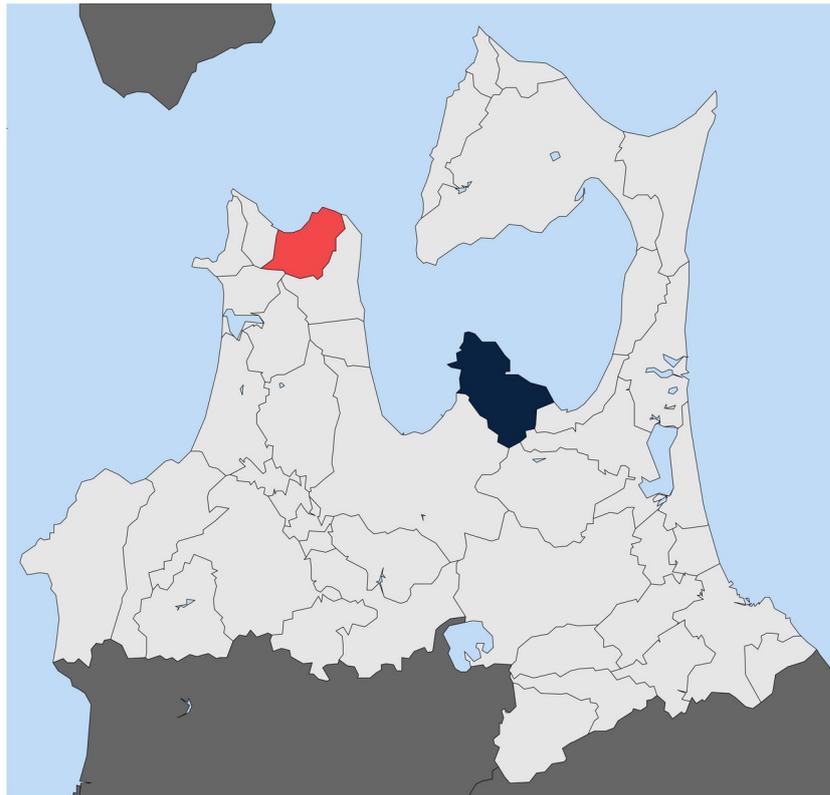
4.2.2. Pontos semelhantes

Foi notado desde o início que existem algumas semelhanças lexicais óbvias entre o Ainu e o japonês, como evidencia Patrie (1982, p. 3). O autor continua discorrendo que, muitos desses itens comuns podem ser prontamente identificados como tendo uma origem japonesa e sendo emprestados para o Ainu; assim como a situação inversa também, especialmente no caso de nomes de várias espécies da flora e fauna restritas às regiões do norte do Japão. Em outros itens, porém, se a devida semelhança se dá por questões de empréstimo, o idioma de origem não pode ser facilmente identificado. Um exemplo dessa categoria é o japonês *kami* e o Ainu *kamui*, que possuem o mesmo significado “deus”. Patrie (op. cit. p. 3) continua explicando que, tanto os Ainu quanto os japoneses mantêm cerimônias e crenças religiosas distintas, sendo difícil discernir qual língua foi a fonte do empréstimo.

A etimologia dos nomes de lugares produz resultados conclusivos que comprovam a existência de assentamentos Ainu na região de Tohoku, continua a explicação de Patrie (1982, p. 3-4); da mesma forma em Hokkaido, vários nomes de lugares terminam em *-nai* ou *-betsu*. Esses nomes vêm da palavra “riacho” e “rio”

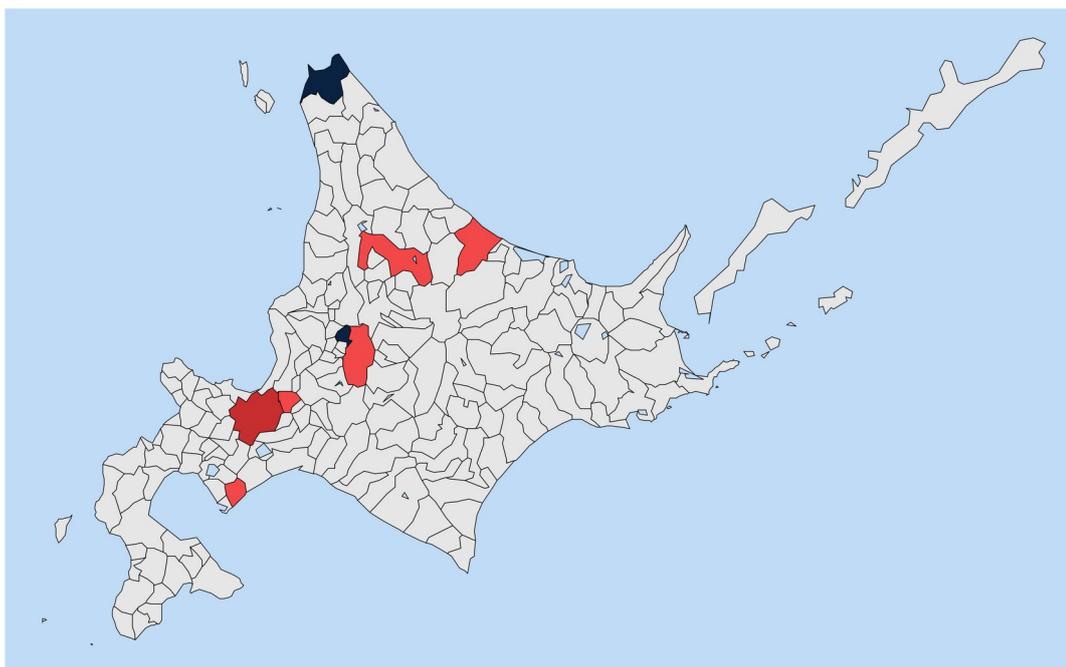
do Ainu, *nai* e *pet*, respectivamente. Para exemplificar geograficamente, vejamos os mapas ilustrados na [Figura 8](#) e [Figura 9](#). Em azul, estão ilustradas as cidades com nomes terminados em –nai, e em vermelho, as que terminam em –betsu.

Figura 8: Mapa de cidades terminadas em -nai ou -betsu na região de Aomori.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 9: Mapa de cidades terminadas em -nai ou -betsu na região de Hokkaido.



Fonte: Elaboração própria.

Tendo base nos dados das semelhanças na ordem das palavras, Hattori (1964, p. 40) mantém a possibilidade de uma afinidade entre o Ainu e o japonês. Porém, estudos em tipologia sintática (GREENBERG, 1963, p. 76) indicam que essas características são universais nas línguas com ordem de palavras SOV (sujeito – objeto – verbo) e não têm relação direta com classificação genética. E de fato, essas características são compartilhadas não apenas com o Ainu, Japonês ou Coreano, mas também por línguas do Indo-Europeu, como o Cingalês – língua falada no Sri Lanka –, que também é uma língua SOV.

Em suma, as evidências linguísticas e não linguísticas, até o momento, sugerem que os Ainu e os japoneses são povos distintos e que as semelhanças lexicais entre as duas línguas são atribuíveis a séculos de vizinhança geográfica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Ainu são um povo autóctone, com cultura e língua próprias, que faz parte da história do Japão. Assim como diversos outros povos originários, possuem uma forte tradição de cultura oral. Portanto, o Ainu é uma língua ágrafa, o que dificulta a aplicação do método histórico-comparativo, que exige uma extensa quantidade de

dados antigos sobre os idiomas comparados. No caso do Ainu, os materiais registrados foram coletados a partir de pesquisas relativamente recentes, o que, aos olhos do método comparativo, são informações pouco antigas na história da língua. Outra dificuldade enfrentada em pesquisas dessa natureza é o avançado processo de extinção da língua: com o passar do tempo, menos evidências linguísticas podem ser coletadas, tornando o processo de análises e conclusões mais desafiadoras.

Diante disso, a hipótese mais amplamente aceita pela comunidade acadêmica é a categorização do Ainu como uma língua isolada. A filiação com a língua japonesa não pode ser estabelecida, pois as evidências morfossintáticas divergem amplamente, sem uma explicação viável de protolinguagem comum entre as duas línguas, e as semelhanças lexicais são atribuídas a empréstimos linguísticos resultantes do longo período de contato entre os povos.

Em suma, mais pesquisas são necessárias para aprofundar as observações feitas em estudos anteriores, além de esforços para a manutenção da língua atualmente. Também é essencial um maior aprofundamento no intercâmbio de informações entre o Ainu e o Japonês, juntamente com a América do Sul, pois essa é uma estratégia essencial tanto para a revitalização cultural e linguística quanto para o desenvolvimento e fortalecimento das línguas envolvidas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. **Strategies for endangered language revitalization and the brazilian reality.** Cadernos de Linguística, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 01–44, 2020. DOI: 10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id251. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/251>. Acesso em: 12 ago 2024.

BATCHELOR, John. **An Ainu-English-Japanese Dictionary: Including a Grammar of the Ainu Language.** Tokyo: Tsukiji Type Foundry, 1905.

BEEKES, Robert S. P. **Comparative Indo-European Linguistics: An Introduction.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics: An Introduction.** Cambridge: The MIT Press, 1998.

CAMPBELL, Lyle. **Language Isolates.** New York: Routledge, 2017.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology.** Cambridge: University Press, 2004.

CINTRA, Geraldo. **Cognatos: Sistematização e Implicações.** Cadernos do Centro de Línguas, São Paulo, n. 2, p. 137-142, 1998.

COMPARAR. In. **Dicionário da Língua Portuguesa Priberam.** Lisboa: Priberam Informática, 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/comparar>. Acesso em: 3 jun. 2024.

CROWLEY, Terry; BOWERN, Claire. **An Introduction to Historical Linguistics.** Nova Iorque, Oxford University Press, 2010.

FORTESCUE, Michael. **Language Relations Across Bering Strait: Reappraising the Archaeological and Linguistic Evidence.** London: Continuum, 1998

GREENBERG, Joseph H. **Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements.** In *Universals of Language*. Cambridge: MIT Press, 1963.

HATTORI, Shiro. **An Ainu dialect dictionary: with Ainu, Japanese and English indexes.** Tokyo: Iwanami Shoten, 1964.

JAPAN, Minister of Education, Culture, Sports, Science and Technology. Agency for Cultural Affairs. **Policy of Cultural Affairs in Japan.** Tokyo: ACA, 2018.

KUNO, Makoto. **Os dialetos e os jovens.** Estudos Japoneses, São Paulo, v. 26, p. 59-66, 2006.

LINDQUIST, Ivar. **Indo-European features in the Ainu language.** London: Gleerup, 1960.

LÍNGUA. In. **Dicionário da Língua Portuguesa Priberam**. Lisboa: Priberam Informática, 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/l%C3%ADngua>. Acesso em: 11 maio 2024.

LISSNER, Ivar. **The Living Past**. London: Jonathan Cape, 1957.

ONO, Susumu. **The origin of the Japanese language**. Tokyo: Kokusai Bunka Shinkokai, 1970.

PATRIE, James. **The Genetic Relationship of the Ainu Language**. Oceanic Linguistics Special Publications, [s. l.], n. 17, p. 1-174, 1982. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20006692>. Acesso em: 11 nov. 2008.

PEACAY. **Ainu Komonjo**. BibliOdyssey Blogspot, 2009. Disponível em: <https://bibliodyssey.blogspot.com/2009/12/ainu-komonjo.html>. Acesso em: 29 jul. 2024.

RANKIN, Robert L. **The Comparative Method**. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. *The Handbook of Historical Linguistics*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2003.

REFSING, Kirsten. **The Ainu Language: the morphology and syntax of the Shizunai dialect**. Aarhus: University Press, 1986.

ROBBEETS, Martine. **Is Japanese related to Korean, Tungusic, Mongolic and Turkic?**. 2003. 968 p. Tese (Doutorado) - Department of Linguistics, University of Tokyo, Tokyo, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Course in General Linguistics**. Columbia: University Press, 1916.

SHIBATANI, Masayoshi. **The languages of Japan**. Cambridge: University Press, 1990.

STREET, John. **Review of Vergleichende Grammatik der altaischen Sprachen**. *Language*, Washington, v. 38, p. 92-98, 1962.

STERNBERG, Leo. **The Ainu problem**. *Anthropos*, Nomos Verlagsgesellschaft mbH, Viena, v. 24, p. 775-799, 1929.

TAHARA, Kaori. **The saga of the Ainu language**. UNESCO, 2019. Disponível em: <<https://courier.unesco.org/en/articles/saga-ainu-language>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

UNESCO. **Atlas of the World's Languages in Danger**. Paris: UNESCO, 2010.